REVISTA SAÚDE DOS VALES

ISSN: 2674-8584 V.10 – N.02 – 2025

DOI: 10.61164/cmsccg53

O USO ABUSIVO DE ANTIDEPRESSIVOS NA ATUALIDADE

THE ABUSIVE USE OF ANTIDEPRESSANTS IN CONTEMPORARY TIMES

Gabriela Gomes Ferreira
Farmácia, Centro Universitário UNIBRAS de Rio Verde Goiás.
E-mail: gabigoferro@gmail.com

Marinna Carvalho Girotto
Farmácia, Centro Universitário UNIBRAS de Rio Verde Goiás.
E-mail: marinnagirotto@icloud.com

RESUMO

O uso excessivo de antidepressivos tornou-se, atualmente, uma preocupação crescente em saúde pública, evidenciando o aumento considerável dos diagnósticos de questões emocionais, como ansiedade e depressão. Este trabalho visa investigar as razões que motivam o uso desmedido desses fármacos e suas implicações na saúde física, mental e social dos indivíduos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa sobre publicações entre 2010 e 2024, em inglês e português. Observa-se que a utilização descontrolada de antidepressivos está relacionada à automedicação, à ausência de monitoramento profissional adequado e à banalização dos sintomas emocionais. Adicionalmente, o uso prolongado pode levar à dependência psicológica, ao surgimento de efeitos colaterais e à diminuição da eficácia do tratamento. Ressalta-se a importância da orientação médica e de estratégias de prevenção que adotem uma perspectiva multidisciplinar, incluindo acompanhamento psicológico e cuidados pessoais. Assim, compreender as causas e os impactos do consumo excessivo de antidepressivos é fundamental para promover um tratamento mais responsável e equilibrado das questões emocionais na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Antidepressivos. Uso abusivo. Saúde mental. Automedicação. Dependência.

REVISTA SAÚDE DOS VALES

ABSTRACT

The excessive use of antidepressants has become a growing public health concern, highlighting the considerable increase in diagnoses of emotional issues such as anxiety and depression. This study aims to investigate the reasons behind the excessive use of these drugs and their implications for the physical, mental, and social health of individuals. To this end, a literature review of publications between 2010 and 2024, in English and Portuguese, was conducted. It is observed that the uncontrolled use of antidepressants is related to self-medication, the lack of adequate professional monitoring, and the trivialization of emotional symptoms. Additionally, prolonged use can lead to psychological dependence, the emergence of side effects, and a decrease in treatment effectiveness. The importance of medical guidance and prevention strategies that adopt a multidisciplinary perspective, including psychological support and self-care, is emphasized. Thus, understanding the causes and impacts of excessive antidepressant consumption is fundamental to promoting a more responsible and balanced treatment of emotional issues in contemporary society.

Keywords: Hepatic Cirrhosis. Nutritional Support. Drug Therapy. Role of the.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tem-se observado um aumento significativo nos diagnósticos de distúrbios emocionais, como depressão, ansiedade e estresse. Esse crescimento está diretamente relacionado às transformações do estilo de vida contemporâneo, marcado por exigências sociais, intensa competitividade e excesso de informações — fatores que impactam consideravelmente o bem-estar mental dos indivíduos (Organização Mundial da Saúde, 2023). Como reflexo dessa realidade, o uso de antidepressivos tem se expandido de forma expressiva, consolidando-se como uma das abordagens mais comuns no tratamento de transtornos mentais em escala global.

Os antidepressivos são fundamentais para o controle dos sintomas dos distúrbios emocionais, auxiliando na melhora do humor, na redução da ansiedade e na promoção da estabilidade emocional. Entretanto, o uso desses medicamentos

exige supervisão médica e psicológica rigorosa, pois a automedicação pode gerar sérias consequências à saúde. O uso inadequado e desregulado de antidepressivos, frequentemente associado à ausência de acompanhamento profissional, tornou-se uma preocupação crescente na área da saúde pública (Silva; Andrade, 2021).

A facilidade de acesso aos medicamentos, somada à crença de que eles representam uma solução rápida e eficaz para o sofrimento emocional, tem contribuído para o aumento da automedicação. Além disso, o preconceito ainda existente em relação ao atendimento psicológico leva muitas pessoas a optarem pelo uso de remédios em vez de buscar acompanhamento terapêutico. Essa situação evidencia uma lacuna significativa nas políticas de saúde mental, reforçando a necessidade de campanhas de conscientização sobre o uso responsável de antidepressivos e de políticas públicas que garantam acesso igualitário ao tratamento (Machado; Ferreira, 2020).

Outro aspecto relevante é a banalização dos sintomas emocionais, que faz com que muitas pessoas recorram a medicamentos mesmo diante de desconfortos leves ou temporários. A chamada medicalização da vida, amplamente discutida na literatura, descreve a tendência social de transformar questões existenciais e emocionais em diagnósticos clínicos que demandam intervenção medicamentosa. Esse fenômeno desconsidera a importância das dimensões sociais e psicológicas do sofrimento humano e contribui para o aumento do uso indevido de psicofármacos (Santos et al., 2022).

O uso excessivo e inadequado de antidepressivos pode gerar repercussões importantes na saúde física e emocional dos pacientes. Entre os efeitos colaterais mais comuns estão distúrbios do sono, ganho de peso, disfunções sexuais e, em casos mais graves, dependência psicológica e resistência ao tratamento. Esses efeitos reforçam a necessidade de monitoramento contínuo por profissionais especializados, que possam ajustar o tratamento às necessidades individuais e minimizar os riscos associados (Fortaleza, 2022).

Além disso, o aumento do consumo de antidepressivos reflete desigualdades sociais e econômicas no acesso ao tratamento em saúde mental. Pessoas com melhores condições financeiras e acesso a serviços privados geralmente recebem

acompanhamento adequado, enquanto aquelas em situação de vulnerabilidade acabam recorrendo à automedicação. Essa disparidade reforça a urgência de políticas públicas voltadas à ampliação do acesso a serviços psicológicos e psiquiátricos, bem como à promoção do uso responsável de medicamentos (Brito et al., 2022).

Nesse contexto, os profissionais da saúde desempenham papel essencial na prevenção do uso abusivo de antidepressivos. A atuação integrada entre médicos, psicólogos e farmacêuticos é indispensável para garantir a orientação correta, o acompanhamento constante e a sensibilização dos pacientes quanto aos riscos da automedicação. Além disso, ações educativas e campanhas informativas podem contribuir para reduzir o uso indevido, valorizar o tratamento multidisciplinar e reforçar a importância da escuta e do suporte psicológico (Silva; Filho, 2025).

Diante desse cenário, esta pesquisa tem como propósito compreender as causas e os impactos do uso excessivo de antidepressivos na atualidade, investigando os fatores que motivam esse comportamento e suas consequências para a saúde física, mental e social dos indivíduos. O objetivo central é destacar a importância de estratégias preventivas, do acompanhamento profissional e da promoção de práticas de cuidado integradas, que associem o tratamento medicamentoso a abordagens psicológicas e sociais, buscando um uso mais consciente, equilibrado e responsável desses medicamentos na sociedade contemporânea.

1.1 OBJETIVOS

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 ANTIDEPRESSIVOS E SEUS PRINCIPAIS TIPOS

Os antidepressivos são medicamentos amplamente utilizados no tratamento da depressão, da ansiedade e de diversas outras questões emocionais. Eles atuam sobre neurotransmissores no cérebro, como serotonina, dopamina e noradrenalina, promovendo o equilíbrio do humor e a melhoria das atitudes e respostas emocionais. As principais categorias de antidepressivos incluem os tricíclicos, os inibidores da monoaminoxidase, os inibidores seletivos da recaptação de serotonina e os inibidores

da recaptação de serotonina e noradrenalina, cada um com características próprias, efeitos específicos e riscos diferenciados, demandando supervisão médica adequada (Psicofarmacologia de Antidepressivos – SciELO Brasil, 2020; Ministério da Saúde, 2021).

Entre os tricíclicos, os efeitos colaterais mais comuns incluem sonolência e ganho de peso. Já os inibidores da monoaminoxidase exigem cuidado especial com a dieta e possíveis interações medicamentosas. Os inibidores seletivos da recaptação de serotonina, como a fluoxetina, são geralmente melhor tolerados, embora possam provocar insônia e alterações sexuais. Por sua vez, os inibidores da recaptação de serotonina e noradrenalina atuam sobre ambos os neurotransmissores e também são indicados para o tratamento de dores neuropáticas (Machado & Ferreira, 2020; Silva & Andrade, 2021; Santos; Moura; Lima, 2022).

A escolha do antidepressivo deve considerar não apenas a eficácia terapêutica, mas também os potenciais efeitos adversos e os riscos associados ao uso inadequado. O uso prolongado sem acompanhamento profissional pode favorecer a dependência, reduzir a efetividade do tratamento e agravar os sintomas emocionais, reforçando a necessidade de orientação médica e monitoramento contínuo (Machado & Ferreira, 2020; Silva & Andrade, 2021; Santos; Moura; Lima, 2022).

2.1.1 Riscos e impactos do uso inadequado de antidepressivos

O uso inadequado de antidepressivos, seja por automedicação ou pela falta de acompanhamento profissional, representa um risco significativo à saúde física e emocional. Embora esses medicamentos sejam essenciais no tratamento de diversos transtornos mentais, seu consumo deve ocorrer de forma controlada e com supervisão contínua, uma vez que a utilização excessiva ou incorreta pode gerar efeitos adversos, reduzir a eficácia terapêutica e favorecer a dependência psicológica (Silva; Andrade, 2021).

Entre os problemas mais recorrentes associados ao uso impróprio, destacam-se alterações no sistema digestivo, dificuldades para dormir, irritabilidade, oscilações de humor, ganho de peso e disfunções sexuais (Santos; Moura; Lima, 2022). Além

disso, o consumo prolongado sem orientação adequada pode levar o organismo a criar tolerância ao medicamento, exigindo doses cada vez maiores para produzir o mesmo efeito, aumentando, assim, o risco de dependência (Fortaleza, 2022).

No contexto atual, muitas pessoas recorrem aos antidepressivos como uma solução rápida para lidar com emoções intensas ou situações desafiadoras, reforçando o fenômeno da medicalização da vida cotidiana. Com isso, aspectos emocionais naturais do ser humano são frequentemente tratados de forma mecanizada, deixando de lado abordagens mais amplas e integradoras (Braga; Paula Junior, 2022).

Diante desse cenário, torna-se essencial a atuação conjunta de diferentes profissionais da saúde, como médicos, psicólogos e farmacêuticos, que possam orientar sobre a dosagem adequada, os possíveis efeitos colaterais e alternativas complementares de tratamento, como psicoterapia e práticas de autocuidado. Esse acompanhamento integrado promove maior segurança, eficácia e humanização do processo terapêutico (Silva; Filho, 2025).

2.2 O USO ABUSIVO DE ANTIDEPRESSIVOS

O uso excessivo de antidepressivos é uma realidade que tem gerado crescente preocupação entre especialistas da saúde e pesquisadores. Nas últimas décadas, observou-se um aumento significativo na prescrição e no consumo desses medicamentos, impulsionado pelo crescimento dos diagnósticos de transtornos mentais, especialmente depressão e ansiedade. Esse fenômeno reflete, em grande parte, a medicalização dos sintomas emocionais e a tendência da sociedade atual em buscar soluções rápidas para questões psicológicas (Silva; Andrade, 2021).

Quando utilizados adequadamente, os antidepressivos são recursos eficientes no tratamento da depressão, atuando na regulação de neurotransmissores e contribuindo para o equilíbrio emocional. No entanto, o uso sem orientação médica ou mantido por longos períodos pode gerar efeitos colaterais relevantes, como dependência psicológica, diminuição da eficácia terapêutica e até agravamento dos sintomas iniciais. Esse cenário é agravado pela crença equivocada de que

medicamentos psiquiátricos são totalmente seguros e podem ser utilizados sem monitoramento, aumentando o risco de uso inadequado (Silva; Andrade, 2021).

Pesquisas apontam que fatores sociais, culturais e psicológicos influenciam diretamente o aumento do consumo desses fármacos. A normalização da dor emocional e a busca por soluções imediatistas intensificam a automedicação, negligenciando abordagens mais abrangentes, como psicoterapia, mudanças no estilo de vida e suporte social. Assim, aquilo que deveria ser um tratamento passa a servir como uma forma de encobrir sintomas, sem que suas causas sejam adequadamente enfrentadas (Silva; Filho, 2025).

Entre as consequências mais comuns do uso excessivo de antidepressivos estão alterações fisiológicas e comportamentais. Dificuldades na vida sexual, insônia, ganho de peso e cansaço são efeitos frequentemente relatados, além de impactos cognitivos e emocionais de longo prazo (Santos; Moura; Lima, 2022). Esses efeitos podem prejudicar não apenas a saúde física, mas também a vida social e profissional, comprometendo relações interpessoais e o desempenho no trabalho. O crescente aumento das vendas globais desses medicamentos evidencia a necessidade de políticas públicas voltadas para educação e uso responsável (OMS, 2023).

Frente a esse cenário, torna-se fundamental adotar estratégias combinadas para prevenir e controlar o uso excessivo. A supervisão médica regular e o acompanhamento psicológico são essenciais para garantir tratamentos mais seguros e eficazes. Além disso, iniciativas educativas que abordem os riscos do uso inadequado e incentivem o autoconhecimento emocional podem contribuir para reduzir a dependência química e psicológica (Silva, 2012; Fortaleza, 2022).

O contexto sociocultural também exerce forte influência sobre essa problemática. Mudanças no modo de vida, a pressão por produtividade e a valorização de resultados imediatos têm impulsionado o consumo de antidepressivos. Em uma sociedade que privilegia soluções instantâneas, muitas vezes ignora-se o impacto que o uso contínuo e sem supervisão pode causar ao corpo e à saúde mental (Braga; Paula Junior, 2022).

Outro fator determinante é a automedicação, considerada uma das principais causas do uso inadequado desses medicamentos. A crença de que os

antidepressivos são inofensivos e proporcionam alívio rápido leva muitas pessoas a utilizá-los sem diagnóstico preciso ou acompanhamento médico. A facilidade de acesso às farmácias, a circulação de informações imprecisas na internet e orientações informais de amigos e familiares contribuem para o uso irresponsável, elevando os riscos de efeitos colaterais, dependência e resistência ao tratamento (Tavares Tartaruga, 2024).

Além disso, a crescente medicalização da vida cotidiana transforma emoções naturais, como tristeza e ansiedade, em condições que aparentemente exigem intervenção medicamentosa imediata. Esse comportamento evidencia uma sociedade que evita o sofrimento emocional e busca respostas rápidas, ainda que temporárias. Como consequência, práticas terapêuticas essenciais, como psicoterapia, autocuidado e apoio social, acabam sendo negligenciadas (Braga; Paula Junior, 2022).

Diante de tudo isso, torna-se evidente a necessidade de promover educação em saúde mental e incentivar o uso consciente de antidepressivos. Campanhas de conscientização, associadas ao trabalho integrado de médicos, psicólogos e farmacêuticos, são fundamentais para garantir um tratamento mais humanizado e eficaz. A disseminação de informações de qualidade e a valorização de estratégias de cuidado emocional podem reduzir o uso abusivo e colaborar para a construção de uma sociedade mais consciente sobre o equilíbrio entre o tratamento medicamentoso e o cuidado integral da saúde (Tavares Tartaruga, 2024).

2.2.1 Causas e Consequências do Uso Abusivo de Antidepressivos

O aumento no consumo de antidepressivos nas últimas décadas está relacionado a uma combinação de fatores clínicos, sociais e culturais. O crescimento na identificação de distúrbios mentais, como depressão, ansiedade e transtorno obsessivo-compulsivo, fez com que esses fármacos se tornassem uma das principais opções de tratamento disponíveis. Contudo, a utilização imprudente e sem supervisão médica adequada vem se tornando um problema de saúde coletiva, gerando dúvidas sobre a fronteira entre o tratamento necessário e o abuso (Silva; Andrade, 2021).

Esses medicamentos, quando empregados de forma correta, contribuem significativamente para a melhora da qualidade de vida e para o controle dos sintomas. Entretanto, a crescente medicalização dos aspectos emocionais e sociais expõe uma tendência preocupante da sociedade contemporânea: a busca por resoluções imediatas para questões complexas. Essa dependência de remédios para lidar com o sofrimento cotidiano reforça o uso excessivo e desregulado dos antidepressivos, muitas vezes sem orientação médica adequada (Silva; Filho, 2025).

A pandemia de Covid-19 também desempenhou um papel relevante nesse aumento. O distanciamento social, o medo da contaminação, as perdas afetivas e a instabilidade financeira agravaram os quadros emocionais, resultando em maior prescrição e uso de antidepressivos. Nesse período, muitos passaram a utilizar medicamentos como uma alternativa rápida para reduzir ansiedade e tristeza, o que intensificou o fenômeno da automedicação (Santos; Moura; Lima, 2022).

A automedicação, aliás, é um dos fatores mais alarmantes associados ao consumo excessivo desses fármacos. A falsa impressão de que antidepressivos são agentes seguros e de ação imediata estimula o uso sem informação adequada, desconsiderando os riscos relacionados à dosagem incorreta, às interações medicamentosas e à piora dos sintomas psicológicos. A ausência de acompanhamento profissional aumenta as chances de dependência e dificulta o sucesso de tratamentos posteriores (Fortaleza, 2022).

A pressão social e profissional também exerce influência significativa. Em uma sociedade que prioriza produtividade e desempenho em detrimento do bem-estar emocional, muitas pessoas recorrem a medicamentos para suportar cargas físicas e mentais intensas. Assim, o sofrimento passa a ser repressão, e não compreensão. Essa dinâmica contribui para que os antidepressivos sejam utilizados como um meio de sustentar estilos de vida inadequados, mascarando questões emocionais profundas (Braga; Paula Junior, 2022).

As consequências do uso inadequado desses remédios são diversas. Em termos físicos, o uso prolongado pode provocar efeitos colaterais importantes, como fadiga, ganho de peso, disfunções sexuais, insônia e distúrbios gastrointestinais

(Silva; Andrade, 2021). Tais sintomas impactam diretamente a qualidade de vida e podem levar ao abandono prematuro do tratamento.

Sob a perspectiva psicológica, o uso excessivo de antidepressivos pode gerar dependência emocional e prejudicar a capacidade de lidar naturalmente com situações difíceis. Muitos pacientes passam a acreditar que só conseguem se sentir bem com o consumo contínuo dos medicamentos, o que limita sua autonomia emocional e dificulta a adesão a tratamentos complementares, como a psicoterapia (Fortaleza, 2022).

O impacto social também é significativo. O uso contínuo desses medicamentos pode alterar comportamentos, dificultar interações sociais e afetar relações familiares e profissionais. Além disso, o estigma associado ao uso de psicotrópicos pode gerar exclusão e discriminação, intensificando o sofrimento emocional e prejudicando a recuperação (Santos; Moura; Lima, 2022; Silva; Filho, 2025).

Aspectos econômicos e demográficos também influenciam o padrão de consumo. Pessoas com maior renda e escolaridade têm mais acesso a prescrições e acompanhamento profissional, enquanto indivíduos de baixa renda, diante da dificuldade de acessar serviços de saúde, recorrem com mais frequência à automedicação. Essa desigualdade aumenta o risco de abuso e agrava os efeitos negativos, criando um ciclo de vulnerabilidade emocional e social (Boaviagem, 2020).

O consumo inadequado de fármacos que atuam no sistema nervoso central é uma realidade crescente. A sensação de segurança e o fácil acesso aos antidepressivos favorecem o uso imprudente e elevam os casos de dependência. Essa prática provoca danos físicos e psicológicos, além de comprometer tratamentos futuros, pois o organismo pode desenvolver tolerância, exigindo doses progressivamente maiores para os mesmos resultados (Pelegrini, 2012).

Por fim, é essencial destacar que o uso excessivo de antidepressivos afeta não apenas o indivíduo, mas também a sociedade como um todo. O aumento dos casos de dependência e os impactos nas relações pessoais e profissionais geram custos sociais e econômicos significativos. A conjugação de fatores culturais, emocionais e econômicos reforça a necessidade de políticas públicas voltadas à educação em

saúde mental, ao suporte psicológico contínuo e à conscientização sobre o uso responsável desses medicamentos (Boaviagem, 2020; Pelegrini, 2012).

2.2.2 Efeitos psicológicos e emocionais do uso abusivo

O uso excessivo de antidepressivos tem impactado de forma direta a saúde mental das pessoas, comprometendo o equilíbrio emocional e o bem-estar psicológico. O consumo contínuo e sem a devida supervisão tende a gerar dependência psicológica e a intensificar sintomas já existentes. Pesquisas indicam que a automedicação e o uso desmedido desses medicamentos estão associados à queda na qualidade de vida, ao aumento da ansiedade e ao surgimento de episódios depressivos prolongados (Silva, 2021).

A busca por tratamentos farmacológicos rápidos costuma ocultar as verdadeiras causas do sofrimento emocional. Quando o indivíduo recorre apenas ao medicamento como forma de alívio, desconsidera a importância de cuidados psicológicos e sociais também essenciais ao tratamento. Essa postura compromete o desenvolvimento de estratégias saudáveis de enfrentamento e aumenta a fragilidade emocional, dificultando a recuperação e a estabilidade psicológica (Santos, 2022).
Durante a pandemia de Covid-19, esse cenário tornou-se ainda mais evidente. O distanciamento social, a instabilidade econômica e o medo constante contribuíram para o aumento expressivo dos níveis de estresse e ansiedade, o que resultou em maior prescrição e utilização de antidepressivos. Muitas pessoas passaram a utilizar esses medicamentos como forma imediata de controlar a angústia, o que, apesar de proporcionar alívio momentâneo, intensificou a dependência e reduziu a adesão a outras formas de tratamento, como a psicoterapia (Fortaleza, 2022).

Os efeitos do uso excessivo também podem ser observados no desempenho cognitivo e comportamental, manifestando-se por meio de irritabilidade, falta de motivação e dificuldades de concentração. A dependência emocional gerada pelo uso contínuo da medicação compromete a autoconfiança e a capacidade de enfrentar desafios cotidianos. Assim, o uso inadequado deixa de promover autonomia e passa a reforçar um ciclo de dependência psicológica (Paula, 2023).

Entre os trabalhadores da saúde, essa problemática se destaca ainda mais. Profissionais como médicos, enfermeiros e psicólogos, constantemente expostos ao sofrimento alheio, tornam-se um grupo vulnerável ao uso inadequado desses fármacos. A sobrecarga de trabalho, a pressão emocional e a falta de apoio institucional contribuem para o uso frequente de antidepressivos como forma de enfrentamento. Esse cenário evidencia a necessidade urgente de políticas de acolhimento e suporte psicológico específicas para esses profissionais (Zaim, 2024).

2.2.3 Repercussões sociais e estratégias de prevenção

O uso excessivo de antidepressivos impacta não apenas o indivíduo, mas também a sociedade como um todo. As mudanças comportamentais associadas ao uso prolongado, como desinteresse, isolamento social e alterações de humor, afetam diretamente as relações interpessoais, prejudicando vínculos afetivos e o desempenho profissional. Além disso, o estigma relacionado ao uso de psicotrópicos continua presente, o que contribui para a marginalização de pessoas que dependem desses medicamentos e amplia barreiras sociais e emocionais (De Souza, 2021).

A crescente medicalização do sofrimento emocional revela um problema cultural amplo, caracterizado pela tendência da sociedade contemporânea em transformar emoções humanas naturais em distúrbios clínicos. Essa interpretação reduz as oportunidades de diálogo, apoio coletivo e elaboração emocional, fortalecendo a ideia de que o bem-estar depende exclusivamente de intervenções químicas. Assim, o debate ultrapassa a esfera individual e alcança dimensões sociais e éticas, exigindo reflexão sobre os limites entre o tratamento adequado e a dependência cultural do uso de fármacos (Silva, 2021).

Nesse contexto, diversas estratégias de intervenção têm sido estudadas e aplicadas no Brasil. Um exemplo é a experiência desenvolvida por uma equipe de saúde da família em Alagoinha do Piauí, que apresentou resultados positivos na redução do uso crônico e inadequado de antidepressivos. A iniciativa envolveu orientação sobre efeitos colaterais, monitoramento contínuo e atividades educativas, favorecendo maior conscientização e incentivando a adoção de alternativas terapêuticas não farmacológicas (Paula, 2023).

Outras pesquisas demonstram que intervenções breves e educativas direcionadas ao uso de substâncias psicoativas, incluindo os antidepressivos, têm se mostrado eficazes na prevenção do uso excessivo. Sessões de orientação, ações de educação em saúde e acompanhamento comportamental auxiliam na redução da dependência psicológica e ampliam a compreensão do paciente sobre seu tratamento, fortalecendo escolhas mais responsáveis e conscientes (Silva Filho, 2023).

2.3 O PAPEL DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

A atuação dos profissionais de saúde é essencial para prevenir e gerir o uso excessivo de antidepressivos, pois envolve não apenas a escolha adequada dos medicamentos, mas também a orientação e o acompanhamento contínuo dos pacientes. Estudos demonstram que a automedicação e o uso inadequado de fármacos para lidar com emoções intensas elevam o risco de dependência psicológica e efeitos adversos (Santos; Moura; Lima, 2022; Silva; Andrade, 2021; Machado; Ferreira, 2020).

Nesse contexto, é fundamental que médicos, farmacêuticos e psicólogos colaborem, monitorando regularmente a evolução dos pacientes, ajustando doses quando necessário e incentivando alternativas não farmacológicas, como terapias psicológicas e estratégias de autocuidado (Santos; Moura; Lima, 2022; Silva; Andrade, 2021; Machado; Ferreira, 2020).

Além disso, a atuação dos profissionais de saúde deve contemplar a educação dos pacientes e da comunidade sobre os riscos do uso inadequado de antidepressivos. Campanhas educativas e programas de apoio psicológico contribuem para reduzir a automedicação e o consumo excessivo, promovendo melhores resultados no tratamento e na saúde mental dos indivíduos. Por meio de um trabalho ético, integrado e orientado para o bem-estar, os profissionais de saúde desempenham um papel crucial na prevenção de complicações e na promoção do uso responsável desses medicamentos, auxiliando as pessoas a adotarem hábitos mais saudáveis e sustentáveis (Universidade São Francisco, 2022; Organização Mundial da Saúde, 2023).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como finalidade compreender as razões e os efeitos do uso excessivo de antidepressivos, bem como suas repercussões na saúde mental e social. A partir da revisão da literatura, verificou-se que o consumo exagerado desses medicamentos está diretamente relacionado à automedicação, à medicalização do sofrimento emocional e à ausência de acompanhamento profissional adequado. Esses fatores contribuem para o aumento da dependência psicológica, para o agravamento dos sintomas e para a redução da qualidade de vida, evidenciando a relevância da discussão proposta e a amplitude dos objetivos estabelecidos.

Os resultados apontam que a prevenção e o controle do uso inadequado de antidepressivos exigem uma estratégia ampla e multidisciplinar, que integre orientação médica, apoio psicológico e ações educativas em saúde. Promover o uso consciente desses medicamentos implica reconhecer que o tratamento dos transtornos mentais ultrapassa a intervenção farmacológica, abrangendo também o cuidado emocional, o autocuidado e o desenvolvimento de estratégias saudáveis de enfrentamento.

A análise demonstrou ainda que o uso excessivo de antidepressivos reflete questões sociais e culturais marcadas pela busca de soluções rápidas para o sofrimento e pela insuficiência de informações sobre saúde mental. Diante desse cenário, torna-se essencial investir em iniciativas de educação em saúde, na capacitação contínua dos profissionais da área e na formulação de políticas públicas que fortaleçam a conscientização sobre os riscos do consumo indiscriminado e sobre a importância do suporte especializado.

Dessa forma, conclui-se que o uso responsável de antidepressivos depende do equilíbrio entre informação, orientação adequada e acolhimento. A atuação ética, preventiva e colaborativa dos profissionais de saúde é fundamental para evitar o uso desnecessário, favorecer o bem-estar psicológico e promover uma sociedade mais consciente, informada e comprometida com a valorização da saúde mental.

REFERENCIAS

ASEVEDO, Leandro Henrique de et al. **O aumento do uso de ansiolíticos e antidepressivos em adolescentes pós-período pandêmico**. *Ciências da Saúde*, v. 28, ed. 135, 04 jun. 2024.

BOAVIAGEM, Karinna Moura. **Análise demográfica e socioeconômica do uso e do acesso a medicamentos antidepressivos no Brasil**. Universidade Federal de Pernambuco, 5 mar. 2020.

BRAGA, Gleicielly Zopelaro; PAULA JUNIOR, Dionísio de. **O abuso de psicotrópicos na atualidade: configuração sociocultural**. *Mental*, Barbacena, v. 14, n. 26, p. 1–11, dez. 2022.

BRITO, Valéria Cristina de Albuquerque et al. **Prevalência de depressão autorreferida no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde**.

CONSELHO REGIONAL DE FARMÁCIA DE SERGIPE (CRF/SE). **Levantamento aponta aumento de 18,6% no uso de medicamentos para saúde mental**. Sergipe: CRF/SE, 2024.

CUNHA, Gabriela Ribeiro; FRANCO, Paola de Freitas; ANDRADE, Ana Cristina Gonzaga de. **O aumento do consumo medicamentoso associado à saúde mental no Brasil em meio à pandemia da Covid-19**. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 13, ed. 11, p. 105–121, nov. 2022.

DE SOUZA, R. R.; MORAES, L. F. **Impactos das redes sociais na cultura e saúde mental dos usuários**. *Revista Tecnologia e Sociedade*, Curitiba, v. 17, n. 48, p. 147–162, jul./set. 2021.

FORTALEZA, Nathália Bueno. **O uso de antidepressivos e ansiolíticos: uma revisão narrativa da produção brasileira**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade São Francisco, Bragança Paulista, 2022.

GAINo, Loraine Vivian et al. **O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualitativo**. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 108–116, 2018.

IBEIRO, Aline Granada et al. **Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina**. 2021.

MARTELLET, Eloísa Cerutti; MOTTA, Roberta Fin; CARPES, Adriana Dornelles. **A saúde mental dos profissionais da saúde e o programa de educação pelo trabalho**. 2024.

MORENO, Hercules Fernandes; ALMEIDA, Amanda Cristina Galvão Oliveira de. **Prescrição de antidepressivos na atenção primária: um estudo descritivo acerca da confiança dos profissionais médicos**. 2020.

MORENO, Ricardo Alberto; MORENO, Doris Hupfeld; SOARES, Márcia Britto de Macedo. **Psicofarmacologia de antidepressivos**. São Paulo: Atheneu, 2018.

NASCIMENTO, Raquel Lopes do; ROCHA, Lucas Tavares; OLIVEIRA JÚNIOR, Manoel Carlos de. **Tendências de consumo pós-pandemia: o novo comportamento do consumidor**. *Revista Foco*, v. 17, n. 9, 02 set. 2024.

ONOCCO-CAMPOS, Rosana Teresa. **Saúde mental no Brasil: avanços, retrocessos e desafios**. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates**. Geneva: WHO, 2023.

PAULA, Wendy Ribeiro de; LOPES, Ione Maria Ribeiro Soares. **Intervenção para o uso abusivo e crônico dos antidepressivos na área atendida pela equipe de saúde da família do município de Alagoinha do Piauí**. 2023.

PELEGRINI, Marta Regueira Fonseca. **O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade**. 2012.

SANTOS, R. C.; MOURA, T. L.; LIMA, A. P. **Consumo de antidepressivos e seus reflexos na saúde mental da população**. *Revista de Saúde Coletiva*, v. 32, n. 2, p. 201–210, 2022.

SILVA, Alciene Berto da et al. **Cuidados farmacêuticos no manejo do uso de antidepressivos na adolescência: revisão da literatura**. 2024.

SILVA FILHO, José Adelmo da et al. **Intervenção breve para uso de substâncias psicoativas no Brasil: revisão sistemática**. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Escola de Enfermagem, 2023. Acesso em: ago. 2025.

SILVA, D. A.; ANDRADE, M. V. **Antidepressivos: entre o uso terapêutico e o abuso medicamentoso**. *Revista Brasileira de Farmácia e Saúde Mental*, v. 8, n. 1, p. 15–23, 2021.

SILVA, Mateus Paulino Ferreira da; FILHO, Tadeu Lucas de Lavor. **Medicalização da vida: o uso exacerbado de psicofármacos em tratamentos de saúde mental**. Centro Universitário Vale do Salgado, 2018.

SILVA, Marcus Tolentino. **Antidepressivos no Transtorno Depressivo Maior em Adultos**. Brasília: Boletim Brasileiro de Avaliação de Tecnologias em Saúde (BRATS), ano VI, n. 18, mar. 2012.

ZAIM, Alexia Duran et al. **Os impactos do sofrimento psíquico dos profissionais que atuam na área de saúde**. 12 dez. 2024.

REVISTA
SAÚDE DOS VALES